

A ESCRITA DO ESTILO

Elisabeth Bittencourt (*)

É preciso ser mais forte do que si mesmo para abordar a escrita. É uma coisa gozada, sim. Não é apenas a escrita, o escrito, é o grito das feras noturnas, de todos, de você e eu, os gritos dos cães (DURAS, 1994, p.23).

O estilo é o que se espera na produção de um analista? Ou melhor, o estilo traria uma certa possibilidade a esse lugar impossível que é o de analista? Uma possibilidade para o ser sustentar seu des-ser? Nisso, ele seria produto deste lugar de hiância?

Se então a produção de um estilo é o que se pode esperar na formação do analista, este tem na autorização de si-mesmo seu suporte fundamental. E essa produção é efeito de uma análise pessoal – trabalho de transferência – e de sua transferência com o estilo da teoria da psicanálise, constituída radicalmente pela falta de objeto.

Qual seria a prova material de que Isso existe? No entanto, existe. Se existe é porque há uma práxis, um discurso sendo sustentado... por quem? Por analistas, é claro.

E mais, além destes, há seres outros que se engajam nessa aventura de dizer o nada a dizer. Parceiros nessa crença, podemos dizer, então, que a Psicanálise anda, caminha e deixa cada vez mais pegadas. Restos de significantes, ecos de homofonia, letras que, por sua omissão ou tropeço, apontaram um outro sentido que não pára-de-não-se-inscrever.

Sim, mas e o estilo de um analista? De que se trata?

O OBJETO A: EIXO TEÓRICO NA CONSTRUÇÃO DE UM ESTILO

Se o estilo tem sua referência na ordem objetal – construção de um certo modo de engendrar –, significa que sua construção está na ordem da causa do desejo. Ou seja, da falta, objeto a, podendo entrar no jogo simbólico da transferência e nela se recortar. É nesse recorte,

(*) Psicanalista e escritora, São Luís/MA.

por uma fantasia, que atravessa o percurso de uma análise, que o estilo de um analista vai se construindo.

A formação do estilo de um analista dependeria, então, de alguns fatores. É efeito de uma análise, produção de SI e do desejo de analista que busca construir uma autorização para que aquele, enquanto praticante do simbólico, encontre uma via de possibilidade para a psicanálise se presentificar.

Como construir um estilo, um certo modo de fazer aquele sujeitinho ali vomitar suas palavras, num espasmo, ou seja, sem pensar? Como cobrar faltas e ainda dizer que aquele dia, se ele não veio, se foi justo ou não, isso não importa, importando apenas como posso disso me aproveitar para promover um furo no discurso e daí advir alguma significação?

Enfim, como criar um estilo que tenha no desarrazoado da ética do desejo sua medida? A via que se apresenta é a da autorização. A partir daí, um analista, depois de ter esquecido a teoria, torna-se um Outro de si mesmo e, por causa disso, já não é ele, é esse outro que lá trabalha à sua revelia, conforme sua posição de morto: o seu ser não conta. Mas que ser é esse?

ENTRADA EM ANÁLISE

Apesar de o sujeito suposto saber ser o que serve de suporte para o início de uma análise, o desejo de ser analista já está latente para esse que demanda uma análise?

O certo é que esse que demanda uma análise aposta num possível desvelamento de sua fantasia insensata, aquela que o incitou a trilhar por esses caminhos de viés que a Psicanálise indica, ética do desejo. Uma espécie de engajamento numa canoa furada, mas que, apesar disso, não soçobra; pelo contrário, leva adiante, acha a realidade da cadeia significante que revele o sujeito desse ser esperançoso de se desvelar, desvelo não-todo, mas desvelo.

É nessa aposta insensata que este ser se engaja até o tempo em que no percurso de sua análise – trabalho de transferência – revele sua transferência de trabalho, essa que serve de suporte na articulação do desejo com a escrita, efeito da alíngua que num golpe só revela o inconsciente e suas formações.

Mas se o estilo de um analista é feito de um autorizar-se, este vai precisar inventar-se. Para tal, é preciso que arranje uma espécie de aval que vem da burilagem do desejo de analista e da transferência de trabalho. Afinidades com a teoria, para ir adiante na invenção desse saber particular.

É num só-depois que uma autorização surge, justo porque ele não pode planejar seu ato. Este é efeito de passagem de risco, ou melhor, transferência com a teoria e a ética da psicanálise.

Isso que é invenção de um analista – seu estilo – traz uma marca pessoal e portanto uma autoria, que vai se engendrar na autorização, enquanto uma via singular de inscrição do saber da psicanálise. E este sabemos que é não-todo.

Sendo assim, o estilo de saber que a psicanálise apresenta cria transferência, transferência com o texto, ou seja, transferência com o modo de funcionamento e estrutura da teoria que é feito de certas condições. Sua estrutura é faltosa, menos-um, que engendra pela via significante Outras promessas de significação.

É porque há um a-menos na cadeia significante, é porque falta um à alíngua, que pode haver possibilidade de articulação. É porque há algo que fecha, mas que ao mesmo tempo é esburacado, que o deslizamento dos significantes é possível, conforme cada sujeito, como os analistas, um a um.

O saber da psicanálise é não-todo, faz parte do campo da particularidade, depende de um ser que o suporte. Esse não-todo criaria um certo estilo na relação com o saber? O estilo de um analista, então, seria também efeito de criação dessa transferência que o campo do não-todo provoca?

Sim, porque há analistas, ou seja, seres que fazem uma inscrição particular nesse saber furado que a psicanálise apresenta. A prova de sua existência está na escrita, eles se escrevem a partir da alíngua e se presentificam por aí. As provas são muitas, textos e mais textos, sessões clínicas, articulações com outros campos. Se não há realidade pré-discursiva, o discurso cria existência se presentificando na escrita, escrita de um estilo?

A escrita, ao contrário da psicanálise, é transmissível, sustenta articulações que esticam o limite do sentido. A letra se descola, cai e

abre uma outra cena que é a que nos interessa, o significante operando na linguagem.

A ESCRITA

E o que é uma escrita? Escrita é sempre escrita, ou seja, letras articuladas, unidades em si vazias de sentido, mas passíveis de se articularem a outras e daí advir sentido. Agora, uma escrita do limite da escrita se interessa pelo que é apenas efeito de linguagem, prova do fato de haver inconsciente.

O que a escrita quer é buscar suportes para que a Lei do significante se realize, comandando a função da significância. Escrita do inconsciente que realiza o milagre de uma impossibilidade sustentar-se apenas como efeito do significante. Um lugar de possibilidade da escrita de algo que escapa ao sentido.

Trata-se, então, de uma escrita fundada pelo que funciona como campo da fala e que se constitui enquanto efeito de discurso, conforme diz Lacan no Seminário 20. "A condição da escrita é ser sustentada por um discurso cuja significação escapa"¹, mas é suportada pela teoria da psicanálise.

Um campo de escrita da fala do Outro articulada apenas pela condição da linguagem e pela barra. Ponto a partir do qual se insemina a produção do escrito representativo do lugar que o sujeito ocupa perante o saber, campo do Outro, o de barrado. Lacan destaca essa barra: sem ela, a virulência fértil do significante, que contamina o significado, perderia sua potência, não sendo possível a quebra de uma suposta "naturalidade" que o ato da fala sempre aparentou ter.

O ESTILO E A TRANSFERÊNCIA DE TRABALHO

O lugar particular que um sujeito ocupa perante o saber da psicanálise – transferência de trabalho – engendra o estilo de um analista? Construção da fantasia particular do sujeito em sua referência ao Outro, enquanto desejo de analista?

¹ LACAN, Jacques. *O seminário*: mais, ainda... Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

O estilo de um analista seria então inventado de si-mesmo e presentificado pela escrita que sustenta um lugar de impossibilidade. Pura dependência da cadeia significante.

Se o sujeito se inventa, torna-se o autor de si-mesmo. Sua prova material – formação de analista – se sustenta pela via da escrita que o conta, o realiza, o tira da ordem do não-realizado, dá existência. Invenção que é feita após uma desconstrução. Recusa da sintaxe, preferência pela letra, passagem da literatura para a escritura. Dissolução de imagens, letra que se destaca e se faz escrito; o estilo de um analista é apenas uma de suas possibilidades.

A escrita quer dizer das coisas do inconsciente, atualizar a psicopatologia do cotidiano, escrever o estilo de um analista que em sua direta articulação com o autorizar-se, não-pára-de-não-se-inscrever, presentificando o real da formação do analista. Quer ir além do que parecia um ponto de limite pela via da escritura, único recurso possível para esse termo, visto que aqui o que podemos testemunhar é um liame com aquilo que é da ordem da falta se escrevendo.

A ESCRITA DO ESTILO DE MARGUERITE DURAS

Já me encaminhando para o fim desse trabalho, me servirei de Marguerite Duras. Presentificar aqui entre nós, essa que morreu este ano comemorando aquilo que é da zona que Lacan nomeou como entre-duas-mortes na qual, conforme ele: "o olhar se transforma em beleza, já o descrevi", ele diz na homenagem que faz a Marguerite: "é o limiar entre duas mortes: o belo"². Ou seja, comemoração que se realiza pela morte, por uma passagem.

Sua escrita se faz de falhas, brancos, como diz Marguerite: "... eu lhe digo como acontecem, são brancos que aparecem, talvez em virtude de uma recusa violenta da sintaxe, sim, acho que sim, reconheço alguma coisa nisso"³. Ela faz Lacan lembrar para todos aqueles que querem ver o artista pela via de sua neurose, que Freud disse que estes sempre foram os precursores. Que Marguerite escreve

² LACAN, Jacques. *Homenagem a Marguerite Duras*. Tradução de Eunice Martinho. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989, p.129

³ DURAS, Marguerite. *Boas falas: conversas sem compromisso*. Tradução de Sieni Maria Campos. Rio de Janeiro: Record, 1974, p.11.

seu ensino: "Que a prática da letra converge com o uso do inconsciente é tudo que testemunharei, rendendo-lhe homenagem"⁴.

Marguerite é prova do liame da autoria com a estrutura faltosa, sustentando uma experiência "que deixa acontecer", como ela diz, "dolorosa de escrever, de ler", e acrescenta: "dolorosa porque é um trabalho relativo a uma região... ainda não explorada talvez"⁵. Escrita que privilegia a dissolução de imagens, uma temporalidade outra com acontecimentos que exigem alguma coisa da ordem da experiência: " Eu experimentava esse branco na seqüência" ⁶.

Passar pela experiência, colocando no cenário a inauguração de Freud: a Psicanálise, reinventando-a. Experiência ousada que lembra a experiência analítica quando, pela operação do recalque, o sujeito não pode ir adiante, fica ali pregado. Não passa. Passando pela experiência da análise há a promessa vaga de que a letra do sintoma se destaque, se escreva e ele possa ir adiante.

Marguerite diz não ter tido escolha: "Eu escrevia como quem vai ao escritório, todos os dias, tranqüilamente. Levava alguns meses para fazer um livro e então, de repente, veio a virada"⁷. Mas será? Sua escolha – Desejo de desejo – não foi pela falta? Ou seja, pelo saber da Psicanálise que comemora o campo do não-todo, – efeito de transferência com a teoria? Afinal, sua escrita ilumina estranhamente seus textos, seu perigo é abismal: "Em minha sombra interna onde a fomentação do eu por mim se faz, em minha região escrita, eu leio que aconteceu aquilo"⁸.

Não seria ela amante disso que manca no simbólico? Falha constitutiva que a joga nas mãos de um destino traçado à revelia? Experiência freudiana em que a verdade é aquilo que aparece pelo falho, pelo sintoma, produzindo assim articulações do inconsciente e do campo do real, que pela via de um escorregão de sentido mostra um outro? "Não me importo jamais com o sentido, a significação. Se há sentido, este desprende-se depois"⁹.

⁴ LACAN, op.cit., p.125.

⁵ DURAS, Marguerite. *Boas falas: conversas sem compromisso*. 1974, p.16.

⁶ Ibidem, p.14

⁷ Ibidem, p.13

⁸ Ibidem, p.38

⁹ Ibidem, p.11.

Assim, aproveito este momento não só para homenagear Marguerite, mas ainda para dizer que a escrita é uma estrutura capaz de sustentar e transmitir aquilo que é da ordem do estilo de um analista. Lugar de possibilidade em uma clínica. Esta, contudo, não se restringe àquilo que da autorização cria uma possibilidade para a invenção da Psicanálise.

Podemos pensar também que se não há um ideal de cura, há final de análise. O estilo seria então uma possibilidade para este ser faltoso, que por falar, se perde nos meandros do labirinto do seu tornar-se. O estilo seria, então, uma via para esse que vai precisar subjetivar-se para saber, não sabendo, das suas vias próprias de gozo?

Termino com palavras de Marguerite: "Meus livros saíram desta casa. Desta luz também, do parque. Desta luz que reverbera no tanque. Precisei de vinte anos para escrever isso que acabei de dizer"¹⁰.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LACAN, Jacques. *Homenagem a Marguerite Duras*. Tradução de Eunice Martinho. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989.

LACAN, Jacques. *O seminário: mais, ainda...* Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

DURAS, Marguerite. *Boas falas: conversas sem compromisso*. Tradução de Sieni Maria Campos. Rio de Janeiro: Record, 1974.

DURAS, Marguerite. *Escrever*. Tradução de Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

¹⁰ DURAS, Marguerite. *Escrever*. Tradução de Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.16.